

DOUGLAS MARIS ANTUNES COELHO

CARLO GINZBURG

FEITIÇARIA E
CULTURA POPULAR



EDITORA MILFONTES



**Feitiçaria e cultura popular
na obra de Carlo Ginzburg
(1961-1976)**



Copyright © 2021, Douglas Maris Antunes Coelho.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Curadoria

Aknaton Toczec Souza (UNISECAL) • Alexandre Avelar (UFU)

Arthur Ávila (UFRGS) • Bruno Guimarães (UFOP) • Cíntia Vieira (UFOP)

Cláudia Viscardi (UFJF) • Diogo Silva Corrêa (UVV) • Dirce Solis (UERJ)

Fabiana Fredrigo (UFG) • Fabio Franzini (UNIFESP) • Flávia Varella (UFSC)

Georgia Amitrano (UFU) • Gessica Guimarães (UERJ) • Julio Bentivoglio (UFES)

Karina Anhezini (UNESP FRANCA) • Marcelo Moraes (UERJ)

Marcelo Rangel (UFOP) • Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ)

Pablo Ornelas (UVV) • Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) • Ueber de Oliveira (UFES)

Valdei Araujo (UFOP)

Curadoria do mês de junho de 2021

Fábio Franzini

DOUGLAS MARIS ANTUNES COELHO

**Feitiçaria e cultura popular
na obra de Carlo Ginzburg
(1961-1976)**

Coleção ETHOS - Nosso Clube

Volume XI



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O87m COELHO, Douglas Maris Antunes.
Feitiçaria e cultura popular na obra de Carlo Ginzburg (1961-1976)/ Douglas Maris Antunes Coelho
Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 11.
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
150 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-72-9

1. Carlo Ginzburg 2. Feitiçaria 3. Cultura Popular I. Coelho, Douglas Maris Antunes II. Título.

CDD 901.02

Para Thaís

11 Prefácio

15 Apresentação

17 Introdução

23 Capítulo 1

Delio Cantimori e Aby Warburg: as marcas de uma hermenêutica da cultura

23 A História como escolha da erudição

28 Delio Cantimori: A filologia hermenêutica a serviço do estudo da heresia

43 Aby Warburg, entre História da Arte e a História da Cultura

59 Hermenêutica e a Filologia

63 Capítulo 2

Entre mentalidade e cultura: Conflito de classes

63 Feitiçaria: piedade popular e privação social

70 Os andarilhos do bem: entre a crença e a inquisição

74 Os limites da interpretação histórica

95 Capítulo 3

Cultura popular: circularidade entre erudito e subalterno

95 Religião popular: o “baixo” como elemento transformador

102 O universo cultural de Domenico Scandella, detto Menocchio

107 Por uma História sobre o popular

109 A recepção crítica de *O queijo e os vermes*

139 *Considerações finais*

145 *Bibliografia*

Prefácio

Não há como não imprimir um tom muito peculiar a este prefácio. Tanto é assim que não sei como iniciá-lo de outra forma que não seja uma confissão. Escrevê-lo me causa uma sensação um tanto estranha, pois uma blague primorosa de Antonio Candido me faz sombra e me assombra desde que me dei conta da efetiva dimensão do gentil e honroso convite que Douglas me fez para abrir o seu livro (o que, como é habitual nessas ocasiões, só ocorreu depois de ter dito sim a ele, é claro...). Trata-se de uma tirada conhecida, creio eu: segundo nosso grande intelectual, “o que caracteriza a maioria dos prefácios é a falta de necessidade. Ou o prefaciador resume o livro, ou produz um ensaio marginal a partir dele. Em ambos os casos pouco pode fazer pelo texto, que vale ou não vale por si mesmo”.

Como leitor e estudioso de paratextos, parece-me que a sentença de Antonio Candido vale mais pela ironia – ou autoironia, já que ela compõe o parágrafo inicial justamente do prefácio que escreve para o livro *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45)*, de Sergio Miceli –¹ que propriamente pela crítica que faz a esse tipo de produção. Ela também não me incomoda ou assusta quando vez por outra amigos e colegas generosos me pedem para apresentar trabalhos que escreveram ou organizaram para publicação. Aqui, contudo, há um “algo a mais” que, na presente situação, torna-se “a menos”, uma vez que Douglas foi meu orientando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde no início de 2017 defendeu a dissertação que agora transforma-se nesta obra. Ou seja, como parte nela comprometida, o que, afinal, poderia eu dizer a seu respeito que não fosse mais “inútil” que o habitual?

A saída mais interessante que me ocorre é a de falar não sobre o que o leitor, a leitora encontrarão a cada capítulo, e sim acerca

¹ Republicado em: MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 71.

daquilo que orienta, organiza e estrutura o texto todo. Para isso, recorro a outra citação, agora do personagem central deste livro: em entrevista de 1999 à historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, Carlo Ginzburg disse haver “algo de muito perigoso com o sucesso; ele é como um tigre que precisa ser controlado. Do mesmo modo que o jogo, o sucesso gera uma espécie de tentação em se apostar cada vez mais alto na mesma jogada a fim de manter o sucesso”. Ele se referia, claro, ao impacto de certos estudos seus da década de 1970, e completava: “o ensaio sobre ‘sinais’, por exemplo – que foi, como ensaio, a coisa mais bem sucedida que escrevi –, me tornou uma celebridade na Itália e quase me forçou a desempenhar o execrável papel de ‘tutólogo’, ou seja, o daquele que fala sobre tudo, que é consultado por revistas e jornais de circulação para falar e escrever sobre tudo”.²

Pois Douglas trata aqui de um Ginzburg de “antes da fama”, de um Ginzburg nada pop, do Ginzburg de antes do impacto de *O queijo e os vermes* (1976) e de “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (1978). Se tais trabalhos marcam, indubitavelmente, a consagração desse autor e da microstoria que praticava (e seguiria praticando), tornando a ambos, cada vez mais, referências historiográficas em escala mundial, a dimensão massiva de seu sucesso acabou por relegar a segundo plano os rumos que percorrera até ali. No entanto, como em toda trajetória intelectual, a sua também não surgiu “do nada”, não nasceu pronta e não escapou a questionamentos e contestações. É a esse movimento que Douglas volta a sua atenção, puxando e, sobretudo, tensionando o fio aparentemente limpo e contínuo que o envolve para notar os rastros deixados pelo caminho e neles perceber os “nexos não necessariamente consensuais e coerentes” que marcam a produção de 1961 a 1976 do historiador italiano.

A definição do recorte, aliás, é decisiva aqui. Na mesma entrevista concedida a Pallares-Burke, Ginzburg diz que “até meados dos anos 70 eu tinha a impressão de estar totalmente sozinho, envolvido em questões com que nenhum historiador se

² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da História: nove entrevistas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p. 279.

importava – meu primeiro livro, *Os andarilhos do bem* [1966], não teve público – e há, sem dúvida, algo muito bom em se estar isolado. Mas quando escrevi *O queijo e os vermes*, que teve sucesso imediato, percebi que o público já existia”.³ Com habilidade e cuidado, Douglas demonstra que, a rigor, as coisas não foram bem assim. Em momento algum Carlo Ginzburg foi um historiador solitário, “isolado”; pelo contrário, interlocutores não lhe faltaram, fosse no âmbito das inspirações, influências e trocas diretas, fosse na esfera da recepção de ambas as obras mencionadas – mesmo que seus críticos nem sempre (ou quase nunca) estivessem de acordo com o que ele escrevia. Foi assim que, circulando entre os temas da feitiçaria e da cultura popular e seus sujeitos históricos, ele moldou nesse período a sua “forma muito específica de fazer História”, como diz Douglas.

A análise de Douglas, portanto, não se deixa ofuscar pelo brilho do nome e da obra do autor que analisa, tratando a ambos como um objeto de estudo rigoroso e não de reverência cega ou festiva. Sem desrespeitá-los, trata-os também com uma boa dose de iconoclastia, sempre necessária para lidar com os grandes nomes da história da historiografia, ou, em termos mais amplos, da história intelectual. O resultado é, a meu ver, uma expressiva contribuição à compreensão da complexidade e riqueza da produção de um dos mais importantes e mais inovadores historiadores da segunda metade do século XX. Relembro, contudo, que meu olhar é por demais suspeito; espero, então, que o trabalho mereça muitas outras miradas e também encontre a devida avaliação crítica – que, ao contrário de um prefácio como este, é, sim, absolutamente necessária à vida e à permanência de um texto.

*Fábio Franzini*⁴

São Paulo, maio de 2021,

em meio ao genocídio bolsonarista que parece não ter fim

³ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da História... Op. cit.*, p. 278.

⁴ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).